

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
RONDÔNIA

CENTRO INTERDISCIPLINAR
DE ESTUDO E PESQUISA DO
IMAGINÁRIO SOCIAL



REVISTA LABIRINTO
ANO XVI
VOLUME 25
(JUL-DEZ)
2016
PP. 457-479.

SEMÂNTICA E PRODUÇÃO DE TEXTO NO ENSINO MÉDIO SEMANTICS AND PRODUCTION OF TEXT IN MIDDLE SCHOOL

KEILA MARIA SILVA TEIXEIRA OLIVEIRA
Mestranda em Letras pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR)
keila_livia@hotmail.com

DRA. MARIA DO SOCORRO DIAS LOURA
Professora de Letras da Universidade Federal de Rondônia
diasocorromaria@gmail.com

RESUMO

Este artigo tem por objetivo fazer um levantamento das principais dificuldades enfrentadas pelos discentes do Ensino Médio no processo de produção de texto, bem como respaldar-se no estudo da Semântica a fim de compreender os fenômenos observados. Lançaremos um olhar sobre os textos escolares de alunos da primeira, segunda e terceira séries do Ensino Médio produzidos no primeiro bimestre do ano letivo de 2015. Os textos analisados são de uma escola da rede estadual do município de Porto Velho e a faixa etária dos alunos é entre catorze e dezoito anos de idade. Os textos da primeira série são autobiográficos e traçam o perfil do público escolar. Já o segundo e terceiro ano produziram textos dissertativo-argumentativos com temáticas diferentes.

PALAVRAS-CHAVE: Aluno. Semântica. Texto.

ABSTRACT

This article aims to take stock of the main difficulties faced by the students of high school in the text production process and endorse on the study of semantics in order to understand the observed phenomena. To this end, we intend to support in CANÇADO (2005), Ilari & GERALDI (1985), JR (2008) and JR & BASSO (2013). We will launch a glimpse into the textbooks of students of first, second and third high school series produced in the first two months of the school year 2015. The texts are analyzed from a state school in the city of Porto Velho and the age range of students It is between two eighteen p.m. years old. The texts of the first series are autobiographical and trace the profile of the public school. The second and third year produced dissertative-argumentative texts with different themes.

KEYWORDS: Student. Semantics. Text.

1 Introdução

O presente estudo visa analisar aspectos textuais observados nas produções de textos escolares de alunos do Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Médio Professor

João Bento da Costa, localizada na zona sul do município de Porto Velho. Os alunos têm idades entre catorze e dezoito anos.

O interesse deste estudo se dá devido ao fato de observarmos a sala de aula como um campo riquíssimo para a pesquisa visto que no ambiente escolar há uma diversidade social, econômica e cultural, mesmo se tratando de uma escola pública, como é o caso do João Bento da Costa.

Muitos alunos são provenientes de escolas particulares do município de Porto Velho e migram para uma escola pública no Ensino Médio, visando os inúmeros benefícios oferecidos pelo Governo com o intuito de cursar uma Universidade Federal tendo em vista as cotas ou até mesmo o Prouni, que oferece bolsas de estudos em faculdades pagas.

Há também estudantes oriundos das diversas áreas periféricas da capital e que sonham em fazer um curso superior, seja ele numa faculdade paga com benefício de bolsas, ou até mesmo na Universidade Federal de Rondônia. Estes depositam suas esperanças no João Bento por ser uma escola que

constantemente está na mídia por conta do seu alto índice de aprovação nos vestibulares, encaminhando alunos através de Sisu, Prouni e Unir.

A parcela intermediária de alunos são os provenientes de escolas do centro da cidade e/ou aquelas mais tradicionais. Estes também acreditam fazer uma boa troca e almejam com veemência suas vagas num curso superior.

É certo que a influência dos pais conta bastante, pois os mesmos enfrentam filas numerosas em busca de vagas especialmente na primeira série do Ensino Médio em que a demanda é bem grande. Ou em outra situação, os próprios estudantes conhecem outros que já estudaram no João Bento e sentem-se motivados a buscar seus objetivos.

Sem dúvidas o que impulsiona grande parte da comunidade estudantil é a estratégia utilizada pela escola para divulgar os aprovados nas universidades todos os anos. Os aprovados têm seus nomes inscritos no muro do colégio, que fica localizado numa avenida de grande movimento bem como

o nome da (as) universidade(s) que passaram e o curso que conseguiram ingressar. Certamente estes nomes no muro é um fator que leva boa parte de estudantes a tentarem suas vagas e sentirem-se motivados a estudarem na escola Professor João Bento da Costa.

2 A Importância da Produção de Texto

Atualmente em todo o Brasil, os alunos que concluem o Ensino Médio passam por uma avaliação importantíssima que é o Enem - Exame Nacional do Ensino Médio. Estes se submetem a dois dias de avaliação intensa contendo questões objetivas e a tão temida produção de texto.

A maioria das instituições em todo o país utiliza como padrão avaliativo a nota do Enem para ingresso nas universidades. O antigo vestibular foi perdendo forças e poucas faculdades ainda trabalham com o modelo tradicional de avaliação.

Quando se fala em Enem, o que mais se houve dos alunos é o medo de escrever e a dificuldade que muitos alegam

ter na hora da escrita. Até mesmo o padrão textual foi modificado, assim como a maneira de avaliar estes textos.

É relevante salientar que, ao se submeter a uma avaliação, o aluno/candidato precisa conhecer a maneira que o mesmo está sendo avaliado e o que será exigido deste na produção textual.

O Enem trabalha com a modalidade de texto dissertativo-argumentativo. Nesta produção são avaliadas cinco competências e habilidades básicas da escrita. São elas:

- I- Demonstrar o domínio da norma- padrão da língua escrita;
- II- Compreender a proposta de redação e aplicar conceitos das várias áreas de conhecimento para desenvolver o tema, dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo;
- III- Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista;
- IV- Demonstrar conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação;

V- Elaborar proposta de intervenção para o problema abordado, respeitando os direitos humanos. (ALVES et al..., 2012, p. 16-17)

Com base no exposto anteriormente, nota-se que a produção de texto no Ensino Médio assumiu um contexto amplo e que o aluno deve ser capaz de redigir um texto e aplicar as cinco habilidades básicas de produção textual. Não somente a norma padrão será avaliada no exame, como também a boa articulação das ideias, a estruturação do texto, o senso crítico, dentre outros fatores serão observados.

3 Estudo do Significado

De acordo com Katz (1982), a semântica é o estudo do significado linguístico. Interessa-se pelo que é expresso por sentenças e outros objetos linguísticos, não pelo arranjo de suas partes sintáticas ou pela sua pronúncia. Não há como dissociar a semântica de sentido. O interesse da mesma não se dá em

relação à estrutura sintática ou sonoridade, mas essencialmente pelos efeitos que os sentidos podem gerar no texto.

Para Oliveira (2001, p.19) “a Semântica pretende realizar uma descrição científica do significado. Seu lugar é, portanto, na ciência.” Pensar em uma ciência do significado é, sobretudo, pensar na materialidade da palavra analisada e trabalhada pelo semanticista que busca identificar e compreender a capacidade semântica do falante. Sendo assim:

Não é preciso ensinar a criança a fazer sentido na fala de um outro, basta deixá-la viver. Nessa perspectiva, atribuir significado a sentenças é, como respirar, um fenômeno natural, porque ocorre em qualquer circunstância, mesmo quando há deficiências severas (e das mais diferentes ordens) (OLIVEIRA, 2001, p. 20)

Como foi explicado por Oliveira (2001), a atribuição de sentidos é inerente ao ser humano. Desde crianças nos preocupamos em dar sentido ao mundo que nos cerca. Isso não precisa ser explicado, é natural. Até mesmo pessoas com deficiências diversas, buscam por sentidos e atribuem

instantaneamente significação em torno de si. De acordo com Moura (2013, p. 63):

O sentido de uma sentença pode ser descrito, tecnicamente, como uma função de situações a significados. Em outros termos, calculamos o significado de uma sentença a partir do sentido dessa sentença e da situação em que ela é produzida.

Equivale dizer que o contexto irá refletir na produção de significado, ou seja, para cada situação de produção de enunciado, teríamos um significado diferente.

Já na perspectiva de Marques (2001), embora haja inúmeros estudos semânticos que abordem a temática do significado, as definições não são suficientes para abranger tamanha complexidade. Portanto, dada a diversidade de posicionamentos a respeito do tema, conseqüentemente não teremos uma visão linear acerca do mesmo.

4 A Semântica e a Textualidade

Acreditamos que a Semântica e a Textualidade caminham juntas e uma contribui com a outra no processo de produção textual. Sendo assim, abordaremos os elementos da textualidade.

Iniciamos com a distinção entre Tipos Textuais e Gêneros Textuais. Marcuschi (2008) diferencia ambos:

Tipo textual designa uma espécie de construção teórica {em geral uma sequência subjacente aos textos} definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas, estilo). O tipo caracteriza-se muito mais como sequências linguísticas (sequências retóricas) do que como textos materializados; a rigor, são modos textuais. Em geral, os tipos textuais abrangem cerca de meia dúzia de categorias como: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção. O conjunto de categorias para designar tipos textuais é limitado e sem tendência a aumentar. Quando predomina um modo num dado texto concreto, dizemos que esse é um texto argumentativo ou narrativo ou expositivo ou descritivo ou injuntivo. (MARCUSCHI, 2008 p.154-155)

Em relação ao conceito de Gênero, (Marcuschi 2008, p.155) acrescenta:

Gênero textual refere-se aos textos materializados em situações comunicativas recorrentes. Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. Em contraposição aos tipos, os gêneros são entidades empíricas em situações comunicativas e se expressam em designações diversas, constituindo em princípio listagens abertas. (...) Como tal, os gêneros são formas textuais escritas ou orais bastante estáveis, histórica e socialmente situadas.

Os gêneros textuais existem desde nossos antepassados, que viviam no interior das cavernas e já estabeleciam comunicação através de pinturas rupestres. Certamente ainda eram limitados, pois a comunicação oral prevalecia sobre os demais meios de comunicação. Com o surgimento da escrita, por volta do século VII a.C, os gêneros se multiplicaram e passaram a facilitar o processo. Posteriormente, com a cultura

impressa essas modalidades se expandiram ainda mais e durante a crescente industrialização, no século XVIII, pode-se dizer que floresceram marcando um período de grande desenvolvimento cultural, social e intelectual.

Porém, nada comparado ao que vemos atualmente: frequentemente surge uma nova modalidade escrita, que simboliza o auge do desenvolvimento tecnológico. A internet possibilita inúmeros gêneros textuais que fogem do convencional papel e caneta. Para Marcuschi (2008, p. 243):

Os textos sempre se realizam em algum gênero textual particular, seja uma notícia de jornal, uma piada, uma reportagem, um poema, uma carta pessoal, uma conversa espontânea, uma conferência, um artigo científico, uma receita culinária ou qualquer outro. E cada gênero tem maneiras especiais de ser entendido, não se podendo ler uma receita culinária como se lê uma piada, um artigo científico ou um poema. O gênero textual é um indicador importante, pois a produção e o trato de um artigo científico são diversos dos de uma tirinha de jornal ou um horóscopo.

Portanto, ao ler os gêneros devemos lançar um olhar diferente sobre cada um deles conforme mencionado acima, pois cada um tem uma finalidade para o leitor e exige diferentes posturas por parte de quem está lendo. Da mesma forma, o professor enquanto mediador do ensino destes pode trabalhar de maneira diversificada com as inúmeras possibilidades que os gêneros podem nos oferecer. Entretanto, nem sempre esta prática é adotada.

De acordo com Marcuschi (2008), a escola ao trabalhar com os gêneros acaba privilegiando a compreensão textual em detrimento da produção de texto, o que implica numa grande falha, pois a prática de produção será sempre uma aliada na busca pelo conhecimento da língua e de seu funcionamento. Nada melhor para compreender um texto que produzir o mesmo.

Dentre as inúmeras vantagens que a produção textual proporciona ao aluno ao longo de sua formação, Marcuschi (2008) menciona algumas que podem surtir efeito no âmbito escolar. Algumas destas são: trabalhar problemas residuais da

alfabetização, estudar os gêneros textuais, treinar a argumentação, trabalhar leitura e interpretação, dentre outras.

Como podemos perceber, o trabalho com escrita pode ser extremamente positivo, pois além de aprimorar a prática do aluno/escritor há uma série de benefícios em outros níveis da linguagem, seja no âmbito da morfologia, semântica, sintaxe, leitura e compreensão.

Diariamente, temos contato com diferentes gêneros textuais, que podem ser levados para a sala de aula, possibilitando uma maior compreensão bem como o treino destas modalidades. Isto pode ser feito através de leitura, comparação entre os mais variados textos e posteriormente prática de escrita. É necessário que o aluno entenda que cada gênero possui uma característica peculiar que o torna diferente dos demais. A partir desta compreensão, os mecanismos de escrita passam a ser aprimorados, pois saber quais características prevalecem em gêneros diferentes e ainda a quem

se destina cada texto é uma grande ferramenta de aprimoramento textual.

Na realidade, o estudo dos gêneros textuais é uma fértil área interdisciplinar, com atenção especial para o funcionamento da língua e para as atividades culturais e sociais. Desde que não concebamos os gêneros como modelos estanques, nem como estruturas rígidas, mas como formas culturais e cognitivas de ação social corporificadas de modo particular na linguagem, temos de ver os gêneros como entidades dinâmicas. Mas é claro que os gêneros têm uma identidade e eles são entidades poderosas que, na produção textual, nos condicionam a escolhas que não podem ser totalmente livres nem aleatórias, seja sob o ponto de vista do léxico, grau de formalidade ou natureza dos temas. (MARCUSCHI, 2008, p.155, 156)

Conforme menciona Marcuschi (2008), o trabalho com gêneros textuais pode ser dinâmico e extremamente interessante, visto que perpassa a interdisciplinaridade e tende a reforçar aspectos linguísticos e sociais. O autor reforça que, entre os inúmeros gêneros que podem ser utilizados em sala de aula podemos citar telefonema, sermão, carta comercial, carta

pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instruções de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversa espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, aulas virtuais e assim por diante.

Os gêneros textuais, como já foi mencionado anteriormente, são os textos materializados, concretos. Entender que estes textos nos envolvem diariamente significa compreender que há objetivos específicos para a escrita, que em cada situação nos vemos atrelados a uma necessidade real de comunicação. Seja no contexto familiar, escolar, profissional, religioso, etc. Mais uma vez recorremos a Marcuschi (MARCUSCHI, 2008, p.162-163) que diz:

Talvez seja possível defender que boa parte de nossas atividades discursivas servem para atividades de controle social e cognitivo. Quando queremos exercer qualquer tipo de poder ou de influência, recorremos ao discurso.

Ninguém fala só para exercitar as próprias cordas vocais ou os tímpanos alheios. Na realidade, o meio em que o ser humano vive e no qual se acha imerso é muito maior que seu ambiente físico e contorno imediato, já que está envolto também por sua história e pela sociedade que (o) criou e pelos seus discursos. A vivência cultural humana está sempre envolta em linguagem, e todos os nossos textos situam-se nessas vivências estabilizadas em gêneros. Nesse contexto, é central a ideia de que a língua é uma atividade sociointerativa de caráter cognitivo, sistemática e instauradora de ordens diversas na sociedade. O funcionamento de uma língua no dia-a-dia é, mais do que tudo, um processo de integração social. Claro que não é a língua que discrimina ou que age, mas nós que com ela agimos e produzimos sentidos.

A língua está intrinsecamente ligada à interação, aos relacionamentos e interesses próprios de cada ser humano. Portanto, ninguém fala ou escreve sem motivação alguma. As falas estão sempre norteadas por necessidades reais de cada falante ou escritor. Os gêneros entram nesse rol de possibilidades que cada indivíduo pode acionar no processo comunicativo. Seja num momento de doença (bula de remédio), entretenimento (histórias em quadrinhos), informação

(reportagem) ou até mesmo com o intuito de ingressar em uma universidade (redação dissertativa).

5 Os Elementos da Textualidade

Antes de falarmos sobre a textualidade é importante consolidar o conceito de texto. Para Val (2006, p.03) é uma “ocorrência linguística falada ou escrita, de qualquer extensão, dotada de unidade sociocomunicativa, semântica e formal.” Portanto, falar em texto implica entender que o texto não se limita à escrita e que qualquer enunciado dotado de sentido pode ser considerado texto; isto se aplica também à oralidade pois, diariamente produzimos textos orais, sendo esta nossa maior forma de comunicação. Entretanto, o que nos interessa neste presente estudo são os textos escritos e sua materialidade especialmente a tipologia argumentativa e o gênero dissertativo.

A textualidade segundo Val (2006, p.05) diz respeito “ao conjunto de características que fazem com que um texto seja texto, e não apenas uma sequência de frases.” Portanto, desde que haja sentido no enunciado e compreensão do interlocutor

podemos dizer que se trata de texto, independentemente do tamanho ou conteúdo. De acordo com Beaugrande e Dressler (1983 apud VAL, 2006) há sete fatores responsáveis pela textualidade: coerência, coesão, intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade e a intertextualidade.

Para Val (2006, p.05) a coerência

é considerada o fator fundamental da textualidade, porque é responsável pelo sentido do texto. Envolve não só aspectos lógicos e semânticos, mas também cognitivos, na medida em que depende do partilhar de conhecimento entre os interlocutores.

Portanto, a coerência é a base da textualidade, pois todos os mecanismos textuais tendem a afetar diretamente o texto no nível da coerência, que trabalha com o sentido. Acaso um texto não esteja coeso ou apresente problemas das mais variadas ordens, conseqüentemente o campo do sentido estará abalado,

pois qualquer alteração na estrutura textual pode contribuir ou não para estabelecer coerência.

Ainda de acordo com Val (2006),

a coesão é a manifestação linguística da coerência; advém da maneira como os conceitos e relações subjacentes são expressos na superfície textual. Responsável pela unidade formal do texto constrói-se através de mecanismos gramaticais e lexicais. (VAL, 2006, p.06)

Um texto coeso geralmente é um texto coerente, pois são os mecanismos de coesão textual tais como preposições, pronomes, conjunções, dentre outros que contribuem significativamente para a construção de sentido.

O terceiro fator da textualidade explanado por Val (2006, p. 20-21) é a intencionalidade sobre isso ela afirma:

A intencionalidade concerne ao empenho do produtor em construir um discurso coerente,

coeso e capaz de satisfazer os objetivos que tem em mente numa determinada situação comunicativa. A meta pode ser informar, ou impressionar, ou alarmar, ou convencer, ou pedir, ou ofender, etc., e é ela que vai orientar a confecção do texto.

A intencionalidade, portanto, diz respeito à intenção do escritor em relação aos seus próprios escritos. Quem escreve pode ter várias intenções como bem mencionou Val (2006) seja persuadir, informar, pedir, etc. Ninguém escreve sem interesse algum. Haverá sempre uma motivação muito forte e interesses dos mais variados tipos para os diversos interlocutores do processo comunicativo.

Se a intencionalidade diz respeito ao locutor, a aceitabilidade é o outro lado do processo comunicativo e diz respeito especialmente ao interlocutor. Recorremos a Val (2006, p. 11) quando diz que:

O outro lado da moeda é a aceitabilidade, que concerne à expectativa do receptor de que o conjunto de ocorrências com que se defronta seja um texto coerente, coeso, útil e relevante,

capaz de levá-lo a adquirir conhecimentos ou a cooperar com os objetivos do produtor.

Entendemos, portanto, que o receptor do texto também nutre expectativas em relação a este. Seja compreender algo, ajudar ou ser ajudado, receber informações ou até entreter e isto é claro, somente será possível se estes escritos estiverem coerentes e coesos.

Já a situacionalidade, de acordo com Val (2006, p.12) “diz respeito aos elementos responsáveis pela pertinência e relevância do texto quanto ao contexto em que ocorre. É a adequação do texto à situação sociocomunicativa.” Sabemos que toda produção pode ser influenciada pelo contexto, por fatores externos ao texto sejam eles relacionados ao ambiente ou até mesmo ao receptor, em relação aos conhecimentos que o mesmo possui e que podem gerar diferentes efeitos na produção final.

O sexto requisito para a textualidade é a informatividade. Para compreendê-la, mais uma vez recorremos a Val (2006, p. 14):

(...) diz respeito à medida na qual as ocorrências de um texto são esperadas ou não, conhecidas ou não, no plano conceitual e no formal. Ocorre que um discurso menos previsível é mais informativo, porque a sua recepção, embora mais trabalhosa, resulta mais interessante, mais envolvente. Entretanto, se o texto se mostrar inteiramente inusitado, tenderá a ser rejeitado pelo receptor, que não conseguirá processá-lo. Assim, o ideal é o texto se manter num nível mediano de informatividade, no qual se alternam ocorrências de processamento imediato, que falam do conhecido, com ocorrências de processamento mais trabalhoso, que trazem a novidade.

Entendemos, portanto, que a informatividade deve vir no texto de maneira equilibrada, conforme mencionou Val (2006) acima porque um texto extremamente previsível pode gerar desinteresse por parte do leitor da mesma forma que um texto totalmente inusitado pode ser rejeitado em decorrência da dificuldade de compreensão. O ideal é que este texto se mantenha “num nível mediano” alternando o previsível com o inusitado.

O sétimo e último fator que perpassa a textualidade diz respeito à intertextualidade:

Inúmeros textos só fazem sentido quando entendidos em relação a outros textos, que funcionam como seu contexto. Isso é verdade tanto para a fala coloquial, em que se retomam conversas anteriores, quanto para os pronunciamentos políticos ou os noticiários dos jornais, que requerem o conhecimento de discursos e notícias já divulgadas, que são tomados como ponto de partida ou são respondidos. (VAL, 2006, p.15)

Ao tratarmos de textos, sabemos que nenhum texto é “puro”, ou seja, cada produção perpassa outras produções e outras visões. Isto é claro, pode enriquecer o texto de modo que haja várias vozes ecoando numa produção ou rebaixar o mesmo à mera reprodução do senso comum. Assim como na informatividade, o equilíbrio é indicado quando se trata da intertextualidade para que realmente haja um entrelaçamento

com outros discursos e outros textos, mas não ao ponto de simplesmente reproduzir o senso comum.

5.1 AVALIANDO A TEXTUALIDADE

Já discorremos acima acerca de alguns fatores que compõem a Textualidade. Abordaremos agora a respeito dos critérios que são necessários para avaliar a textualidade. Maria da Graça Val (2006) aponta quatro fatores indispensáveis para avaliar a textualidade: continuidade, progressão, não-contradição e articulação.

Para compreendermos a continuidade recorremos a Val (2006, p. 21) quando diz:

A continuidade diz respeito à necessária retomada de elementos no decorrer do discurso. Tem a ver com sua unidade, pois um dos fatores que fazem com que se perceba um texto como um todo único é a permanência, em seu desenvolvimento, de elementos constantes. Uma sequência que trate a cada passo de um assunto diferente certamente não será aceita como um texto.

A continuidade, portanto, pode ser avaliada tanto no campo da coesão através do emprego correto de recursos linguísticos, quanto no campo da coerência, através da retomada de conceitos e ideias. Através desta percepção poderemos avaliar a continuidade de um texto, como bem afirma Val (2006).

A progressão é outro aspecto que pode ser avaliado em um texto. Apoiamo-nos em Val (2006, p. 23) quando afirma que

no plano da coerência, percebe-se a progressão pela soma de ideias novas às quais já vinham sendo tratadas. No plano da coesão, a língua dispõe de mecanismos especiais para manifestar as relações entre o dado e o novo.

Portanto, a progressão também pode ser avaliada nos campos da coesão e coerência visto que pode trazer sempre ideias novas e articulá-las através dos mais diversos mecanismos estruturais.

Já em relação à não-contradição Val (2006, p. 25) traz a seguinte contribuição:

A exigência de não-contradição se aplica não só ao plano conceitual (da coerência), mas também ao plano da expressão (coesão). Por exemplo, através do emprego dos tempos e aspectos verbais, o texto instaura um sistema próprio de situação dos fatos a que alude, tomando por referência o momento da comunicação ou um momento determinado pelo texto mesmo.

Entendemos que um texto pode se contradizer de algumas maneiras, uma delas segundo Val (2006) é a contradição léxico-semântica em que o escritor utiliza uma palavra que não condiz com aquilo que ele realmente pretendia dizer.

Outra forma de contradizer um texto seria a incompatibilidade em relação ao próprio mundo do texto ou no que diz respeito ao mundo exterior. Ambos se relacionam ao valor de verdade que a autora menciona. Não podemos afirmar algo e ao mesmo tempo negar a mesma coisa. Isto compromete grandemente a produção, gerando a contradição. Já a não-

contradição que Val (2006) menciona no decorrer de seu trabalho, diz respeito a clareza, ou seja, ao contrário da contradição.

O quarto e último aspecto para avaliar a textualidade é a articulação “a maneira como os fatos e conceitos apresentados no texto se encadeiam, como se organizam, que papéis exercem uns com relação aos outros, que valores assumem uns em relação aos outros.” (VAL, 2006, p.27)

De acordo com Val (2006), avaliar a articulação de um texto, significa verificar se as ideias têm a ver umas com as outras, que tipo de relação estabelece entre si. Compreendemos que o texto precisa ser articulado no que diz respeito ao encadeamento de parágrafos dando uma unidade à produção e ainda no que diz respeito aos aspectos internos do texto.

Para sintetizar as ideias aqui explicitas em relação à textualidade, mais uma vez recorremos a Val (2006, p. 29):

Avaliar a coerência de um texto denotativo, escrito e formal, será verificar se, no plano lógico-semântico-cognitivo, ele tem

continuidade e progressão, não se contradiz nem contradiz o mundo a que se refere e apresenta os fatos e conceitos a que alude relacionados de acordo com as relações geralmente reconhecidas entre eles no mundo referido no texto. Avaliar a coesão será verificar se os mecanismos linguísticos utilizados no texto servem à manifestação da continuidade, da progressão, da não-contradição e da articulação.

Portanto, mais uma vez nos apoiamos em Val (2006) quando diz que a coerência é fundamental para que haja textualidade e da mesma forma a coesão apresenta um grau elevado de importância, visto que um texto bem estruturado e que conta com o bom uso dos mecanismos coesivos, só tende a fortalecer a coerência e contribuir para que todos os fatores responsáveis pela textualidade possam ser plenamente identificados dentro do texto. Ambos são peça chave para o processo de produção. Da mesma forma, os quatro elementos que nos possibilitam avaliar a textualidade (progressão, articulação, não-contradição e continuidade) e sobre eles foram explanados, estes também têm intrínseca relação com a

coerência e a coesão sendo que não é possível haver textualidade se em contrapartida não houver coesão e coerência.

6 Análise dos Textos Escolares

Procuramos fazer um levantamento acerca do perfil dos alunos que compõem a escola. Para isso foi solicitado que fizessem uma produção de texto do gênero autobiográfico. Pudemos constatar que a faixa etária dos alunos da primeira série do Ensino Médio varia entre catorze e dezesseis anos de idade. Os nomes dos estudantes não serão divulgados. Serão identificados por letras. Não faremos também distinção de sexo. Todos serão referidos no masculino. Embora haja meninos e meninas dentre os textos analisados. Verificamos ainda que a escola é composta por um público diversificado em vários aspectos, inclusive no que tange a aspectos socioeconômicos.

Apoiamo-nos em Foucault (FOUCAULT, 2010, p.107), para compreender o processo de escrita e o que ela representa:

Soberana, pois que as palavras receberam a tarefa e o poder de “representar o pensamento”. Mas representar não quer dizer aqui traduzir, dar uma versão visível, fabricar um duplo material que possa, na vertente externa do corpo, reproduzir o pensamento em sua exatidão. Representar deve-se entender no sentido estrito: a linguagem representa o pensamento como o pensamento se representa a si mesmo. Não há, para constituir a linguagem ou para animá-la por dentro, um ato essencial e primitivo de significação, mas tão somente, no coração da representação, este poder que ela detém de se representar a si mesma, isto é, de se analisar em se justapondo, por parte, sob o olhar da reflexão e de se delegar, ela própria, num substituto que a prolongue.

A seguir iremos observar os trechos retirados dos textos da primeira série do Ensino Médio e verificaremos alguns problemas de construção.

Aluno A

Quero passar com boas notas porque assim tenho maior expectativa de conseguir um emprego no futuro. Escolhi estudar no João Bento porque é uma ótima escola e é a melhor do estado e tem um bom nível de escolaridade.

Não sou de ler muito mas às vezes leio um texto ou livro de escrever não muito pois cansa muito a mão.

O aluno “A” diz que às vezes lê um texto ou livro de escrever, mas não muito porque cansa a mão. Não fica claro se ele lê um livro de escrever, ou se de fato escreve e por isso cansa mão.

Aluno B

Eu gosto muito de ler, gosto de mexer nas redes sociais, gosto de nadar, de assistir tv, também gosto de comer lasanha de 4 queijos, minha sobremesa favorita é creme de maracujá com sorvete, gosto de ir pro sítio, andar de cavalo, pescar, gosto de passar um tempo com a família, estou me esforçando ao máximo pra passar de ano.

O aluno “B” cita várias de suas preferências em relação à comida e passeios e finaliza dizendo que vai se esforçar para passar de ano deixando o texto completamente sem nexos.

Aluno C

Eu decidi estudar no João Bento para ter um bom aprendizado e também por que muitos alunos conseguiram passar no Enem e eu também quero passar no Enem. Não gosto de ler e nem escrever mas quero ter futuro bom e por isso eu preciso ler e escrever e gosto muito de sentar e ficar deitada assistindo televisão.

O aluno “C” relata que não gosta de ler nem de escrever, mas admite que precisa disto para ter um bom futuro, deixando totalmente contraditório seu texto e finaliza de maneira imprevisível quando menciona que gosta de ficar deitada assistindo televisão.

Cançado (2005, p.52) diz que “sentenças boas gramaticalmente, mas claramente incoerentes ou totalmente sem sentido, que não geram nenhum tipo de acarretamento, são chamadas, pelos linguistas, de anomalias.”

Os textos que veremos a seguir são de alunos da segunda série do Ensino Médio, com faixa etária entre quinze a dezessete anos. O tema proposto foi Anorexia e a modalidade de texto escolhida é dissertativo argumentativo.

Aluno D

Dessa forma, o tratamento vem no decorrer da última fase da doença onde o paciente admite a doença e procura um tratamento com base de recuperar o peso perdido e uso de alguns medicamentos.

No fragmento de texto do aluno “D” percebemos o uso inadequado do pronome “onde” um caso muito comum nas produções textuais é utilizar este pronome não referindo-se a

lugar. Neste caso o aluno pretendeu retomar o termo anterior, com a utilização de um dêitico.

Conforme explicam Ilari e Geraldi (1985, p.66):

Os pronomes demonstrativos, pronomes pessoais e tempos de verbo são os exemplos sempre lembrados de palavras dêiticas, mas a dêixis é um fenômeno bem mais comum do que o uso dessas formas; elementos dêiticos podem virtualmente compor-se com elementos não-dêiticos na significação de palavras explicar antonímias que de outro modo seriam incompreensíveis.

Aluno E

Em virtude dos fatos mencionados, a morte de uma jovem que tem a vida toda pela frente não é algo de conformar, a luta contra a anorexia deve ser vivida para uma mudança.

No fragmento “E” o uso do verbo ter no presente dificulta a compreensão quando o aluno diz: “a morte de uma jovem que tem uma vida toda pela frente”. Se a jovem morreu não é possível ter a vida pela frente ainda. De acordo Ilari e

Geraldi (1985, p. 63), “a pressuposição é então utilizada para configurar, por trás das informações passadas, uma “verdade” que não pode ser contestada sob pena de bloquear o diálogo.”

Aluno F

Dessa forma, nesse país, a sociedade deve acabar com esse fato antissocial com as pessoas que sofrem dessa doença e ajuda-las a passar por esses atos que vem comovendo muito mais todo mundo.

Já no texto do aluno “F”, podemos notar um problema em relação ao uso do vocábulo “antissocial” referindo-se à anorexia como um fator antissocial. Entretanto, a anorexia é um problema de saúde pública e este problema circula muito o âmbito familiar.

Os textos seguintes são de alunos da 3ª série do Ensino Médio com faixa etária entre dezesseis e dezoito anos de idade. O tema proposto foi liberdade de expressão e a modalidade textual escolhida foi dissertativo-argumentativa.

Aluno G

Dessa forma, muitas opiniões diferentes e opostas irão surgir, para que não ocorram conflitos devido a esses choques naturais, cabe ao estado assegurar a seus cidadãos uma boa educação e as famílias formarem seus membros de forma que eles saibam respeitar a opinião de terceiros mesmo que não concorde com o que essa expressa.

No texto do aluno “G”, notamos a utilização dos sinônimos “diferentes e opostos” numa mesma sentença e com objetivos semelhantes. Para Ilari e Geraldi(1985, p.43) “sinonímia é a identidade de significação.” Neste caso o uso dos sinônimos é totalmente dispensável visto que estão bem próximos e irão expressar a mesma ideia.

Aluno H

Então temos que saber que o direito de opinar é individual, portanto temos que refletir e ter responsabilidade, liberdade de expressão deve

ser livre para todos mas com limites de expressão.

O aluno “H” ao afirmar que “a liberdade de expressão deve ser livre para todos mas com limites de expressão” acaba por ser contraditório em sua afirmação. Deve haver limites ou liberdade? O termo limites está se opondo a liberdade neste caso ocorrendo ainda a antonímia.

Aluno I

Todavia é preciso uma consciência responsável de que liberdade de expressão foi conquistada pelo povo. Então é necessário ter uma visão não individual e sim coletiva, de que cada pessoa pensa diferente.

De acordo com Cançado (2005, p. 49) “a contradição, assim como a antonímia, pode ocorrer de várias maneiras. Muitas vezes, é a presença de palavras antônimas, existentes nas

sentenças, que desencadeia as ideias contraditórias.” Ou seja, a antonímia pode gerar contradição e isto pode ser intencional ou não dentro do texto. No exemplo em questão verificamos que esta contradição ocorreu acidentalmente.

No fragmento de texto do aluno “I”, mais uma vez percebemos a ocorrência de antonímia entre os pares “individuais” e coletivos”. Nesse caso podemos reafirmar que esta oposição faz-se desnecessária para o contexto visto que uma opção já anula a outra. |O que é individual obviamente não é coletivo. A noção de pressuposição nos auxilia a compreender este fenômeno.

7 Considerações Finais

A produção textual é um processo longo e que requer persistência tanto por parte do aluno quanto por parte do professor, pois não existe uma fórmula pronta capaz de tornar esse aluno um bom produtor de textos. Há que se pensar no trabalho que deve ser feito desde a base quando este aluno

ingressa na educação básica. O quanto antes o discente tiver contato com a leitura e for inserido num ambiente propício à produção, as chances de se tornar um escritor são bem maiores.

Para tanto, deve-se levar em consideração que muitas vezes os alunos não compreendem o funcionamento da própria língua materna e isso dificulta todo o processo de escrita. Daí pode-se ressaltar a importância do estudo de Semântica nos cursos de graduação a fim de proporcionar aos futuros docentes um conhecimento que possa ser aplicado em sala de aula facilitando assim o trabalho com a língua materna e consequentemente com a produção textual.

A língua materna é aprendida nos primeiros anos de vida, no seio familiar. Quando a criança chega até a escola já está com uma bagagem cultural e linguística formada. Deverá, portanto, entrar em contato e familiarizar-se com a norma padrão que será exigida posteriormente e por longos anos no ambiente escolar e fora dele. O aluno não é um papel em branco que receberá tudo da escola e não sabe nada.

O falante mesmo sem ter consciência, sabe fazer operações complexas no que diz respeito à língua. Ele possui um conhecimento sistemático da língua justamente por já ter um contato desde a tenra infância com essa língua materna que aprendeu no seio familiar e acabou por aprimorar no ambiente escolar. Daí a importância da semântica para compreender os fenômenos linguísticos, tanto no que se refere à fala quanto à escrita.

Ao longo deste artigo procuramos observar a relevância da Semântica nas produções textuais de nível médio bem como sua aplicabilidade para compreensão de alguns fenômenos encontrados em textos escolares. Nos textos analisados, percebemos as dificuldades dos alunos para utilizarem sinônimos e antônimos, muitas vezes empregados de forma inadequada. Verificamos também problemas de coesão e coerência textual acarretando contradições ao longo do texto bem como vagueza.

Muitas vezes se restringe o estudo da Semântica para os bancos da academia, quando na verdade esta ciência pode ser perfeitamente aplicada no ensino básico e utilizada como fonte de pesquisa para alunos e professores.

REFERÊNCIAS

ALVES, Poliana Maria et al. (Org.). **Manual de capacitação para a avaliação das redações do Enem**. Brasília, DF: CespeUnb, 2012.

BASSO, Renato; FERRAREZI, Celso (Org.). **Semântica, semânticas**: Uma introdução. São Paulo: Contexto, 2013.

CANÇADO, Márcia. **Manual de Semântica**: noções básicas e exercícios. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

FERRAREZI, Celso. **Semântica para a educação básica**. São Paulo: Parábola, 2008.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

ILARI, Rodolfo; GERALDI, João Wanderley. **Semântica**. São Paulo: Ática, 1985.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MARQUES, Maria Helena Duarte. **Iniciação à Semântica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

OLIVEIRA, Roberta Pires de. **Semântica Formal**: uma breve introdução. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

VAL, Maria da Costa. **Redação e Textualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

NOTAS

¹ Artigo desenvolvido para a disciplina de Semântica do Mestrado Acadêmico em Letras da Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR.

Recebido em: 19-03-2016

Aprovado em: 04-10-2016

Publicado em: 12-03-2017